



Relato de Experiência Popular: Centro de Estudos e Multiplicação das Sementes da Roça Kawaiwete, No Parque Indígena do Xingu, MT.

KAIABI Tariaiup, OTERO STURLINI Manuela.

Tema Gerador: Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

Este Relato trata sobre uma experiência desenvolvida ao longo dos últimos anos sobre o estudo e a multiplicação das sementes da roça do Povo Kawaiwete que moram no Território Indígena do Xingu, TIX. O trabalho foi desenvolvido principalmente nas aldeias Samaúma, Tuiararé e Kwarujá nas regiões do médio e baixo Xingu, no Mato Grosso. O trabalho foi coordenado por Tariaiup Kaiabi aconteceu primeiramente por meio de uma longa pesquisa com as mulheres e os anciões das aldeias. Posteriormente foram aprovados dois projetos através da associação Indígena Tapawia, o que possibilitou potencializar o trabalho da multiplicação e circulação dos produtos além de aprofundar a pesquisa. Durante este período a associação contou com o apoio técnico de funcionários do ISA que ajudaram na execução do projeto.

Contexto

Os Kawaiwete (Kaiabi) são um povo de língua da família Tupi Guarani que viviam numa faixa de terra que se estendia entre o rio Arinos, dos Peixes e Médio Teles Pires, Entre o Mato grosso e Pará. Grande parte do povo foi transferido para o então Parque Nacional do Xingu durante a década de 60, por iniciativa dos irmãos Villas-Bôas devido a invasão de suas terras por seringueiros e empresas colonizadoras. O Território original tem abundância de florestas ricas em frutas, medicina e matérias primas para confecção de artefatos restritos ou inexistentes no TIX. Seus cultivos da roça também são adaptados as terras de ancestrais. Como as condições edafoclimáticas são bastante diferentes no Território atual, os Kawaiwete passaram a fazer suas roças de corte e queima nas capoeiras de Terra Preta Arqueológica, *kofetarete*, como são chamadas, sempre próximas a cursos d'água, em áreas de terra firme. O produto de excelência dos plantios é o Amendoim, que são plantados no centro da roça, cada variedade é separada em uma parcela com divisões de Macaxeira ou Banana. Os demais produtos são dispostos em volta desta centralidade.

O presente relato é fruto de um esforço realizado pelo próprio povo Indígena fazer o levantamento de sua agrobiodiversidade e criar estratégias de salvaguarda-la, diante de tantas adversidades que o Contexto atual apresenta.



Figura 1- variedades de Amendoim Kawaiwete



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Resumo da experiência.

O Trabalho de pesquisa e registro do sistema agrícola Kawaiwete vem sendo desenvolvido há alguns anos, mas se intensificou a partir de 2014 quando a associação Tapawia aprovou um projeto pelo ISPN e outro pelo fundo Casa. A iniciativa aconteceu principalmente pela preocupação de Tuim Kaiabi, o meu pai, que é conhecido por todos os povos por sempre ter sido um grande agricultor que alimentou muitas pessoas em momentos difíceis. Nos últimos anos ele tem sentido que as coisas vêm mudando, a produção da roça vem diminuindo e muitos produtos estão sumindo. Por isso iniciamos este trabalho, pela importância de registrar o conhecimento de anciões, especialmente de Tuim e pela necessidade de aumentar a disponibilidade das variedades de sementes para o povo.

O foco da pesquisa se concentrou nas entrevistas Tuim Kaiabi Kapé, Mitang Moré Kaiabi, Aturi Kaiabi e Juykatu Kaiabi, do mesmo povo. Procurou-se orientações com o pajé Tuiat e sua esposa Wició que durante os anos 2000 encabeçaram a luta pela manutenção e cuidado dos cultivos tradicionais. Junto a eles fizemos o registro dos sinais da natureza observados pelos Kawaiwete que sugerem o ciclo agrícola, as plantas indicadoras da terra boa de plantar, as maneiras adequadas de semear cada espécie, maneiras adequadas de armazenar, assim como as regras e os cuidados que devem ser tomados para uma boa produção e para manter os espíritos alegres.

Sobre os tempos

Quando se inicia o tempo de seca, o rio vai baixando, o gafanhoto começa a pisar a margem do rio para abaixar a água mais rápido, o sapinho kutap kutap, quando começa a cantar, inicia a derrubada da roça e mostra para os Kayabi que é hora de trabalhar na derrubada da capoeira,

Quando a flor do ipê colore as matas do sertão dão o sinal de que se inicia o período de queima das roças. A cigarra chora seu canto chamando água, e quem traz a chuva é o passarinho wiriritacamap. Quando a chuva ganha os dias, as frutas do Apí caem e é tempo de plantar amendoim.

Os Kawaiwete sempre tiveram forte produção agrícola, seus policultivos abrangem dezenas de espécies e centenas de variedades. É o povo de maior diversidade agrícola do TIX. Durante o trabalho levantamento dos produtos da roça identificamos 6 tipos de Milho (Awasi) tradicional e 4 incorporados de outras origens indígena ou não, 6 tipos de mangarito (Namu'a), 9 tipos de Batata-doce (Jetik), 12 tipos de Cuia, 16 tipos de Cará (Ka'ra), aproximadamente 22 tipos de Amendoim (Munuwi), 2 variedades de Abóbora,



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



3 variedades de algodão (Amineju), 7 tipos de Banana (Pakuauu), 4 variedades de Mamão (momo), 4 tipos de Cana (Ka'na), 14 tipos de feijão e Fava (Kumana), 4 tipos de melancia, arroz, abacaxi, 7 tipos de pimenta, 14 variedades de Mandioca (Maniy) que foram ganhando espaço na alimentação do povo e são divididas em dois grupos: as Mansas, Macaxeiras (Maniatata) e as bravas, divididas em três categorias: para fazer farinha, beiju e a mandioca doce, para fazer Mingau. Foram levantadas no total 17 espécies e 176 variedades produtos da roça.

Antes do primeiro plantio de 2014, fizemos uma rodada em algumas aldeias Kawaiweté no rio Xingu. Escolhemos essas aldeias pois nove anos antes elas haviam recebido algumas variedades de sementes de Amendoim que haviam sido multiplicadas ao longo de um projeto coordenado pelo pajé Tuiat Kaiabi com assessoria do Geraldo Mosimann da Silva. Ficamos surpresos que em algumas aldeias que haviam recebido, seis ou sete variedades de Amendoim não restava nenhuma, haviam perdido todas. Por outro lado, ficamos surpresos que na aldeia Caiçara, onde haviam sido repassadas sete variedades, foram identificadas quatorze pelo pajé durante nossa visita. Ele explicou que os produtos podem tanto desaparecer se não cuidarmos bem deles, como que se forem bem cuidados, o espírito da roça, a Kupeirup, pode trazer novas variedades e colocar os bagos na ponta da rama de um outro amendoim. Isso é uma demonstração de confiança entre o espírito da roça e o agricultor.

Na roça de 2014 plantamos aproximadamente 2 quilos de Amendoim e colhemos 7 sacos de ráfia do produto bruto. No ano de 2015 já havíamos distribuído parte dessas sementes e colhemos 43 sacos. Ficamos bem animados com o resultado do amendoim, mesmo que os insetos e os animais o atacassem ainda assim a produtividade foi boa, alimentou nossas famílias pudemos armazenar e também pudemos repassar para outras que não tinham semente. Nesse ano conseguimos aumentar algumas variedades de mangarito *Xanthosoma SP.* que é um tubérculo que poucas aldeias ainda têm. Mas percebemos que hoje em dia é muito difícil armazenar algumas espécies na roça, como faziam os antigos, pois o ataque de animais se intensificou muito nestes anos.

Durante 2015 e 2015 experimentamos algumas formas diferentes de trabalhar a roça. Geralmente cada família nuclear tem a sua roça e cuida de todas as etapas necessárias para ela produzir, mas a família pode convidar mutirões ou pedir para outros parentes realizem alguma etapa devido alguma dificuldade. Durante o projeto fizemos inicialmente uma roça coletiva. No ano seguinte, distribuímos as sementes para as famílias que plantaram nas suas próprias roças e repassaram a produção para o projeto. Também fizemos uma grande roça e misturamos o que era de cada família e o que era do projeto. Vimos que embora não seja uma prática corriqueira da etnia, a roça coletiva



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



nos trouxe bons Resultados e muita gente foi acrescentando sementes de espécies como Cará, Mangarito, Milho e Fava, que não tínhamos conseguido trazer na nossa expedição de busca de sementes.

Em Julho de 2016 fizemos um encontro da roça Kawaiwete, onde conversamos sobre aspectos relacionados a agricultura como: formas adequadas de cuidar do fogo durante a queima da roça, comida da cidade e alimentação tradicional, espiritualidade e roça, Oficina de culinária e também realizamos uma feira de trocas onde contabilizamos mais de 50 variedades de produtos, sendo a mandioca e o amendoim com mais exemplares e mais diversidade. Também apareceu o Mangarito, Cará, Fava, Algodão, Pimenta, Batata e outros. Sentimos falta de Milho e Cuia. Lá percebemos como alguns de nossos produtos estão vulneráveis.

Logo depois do encontro iniciamos a construção de duas casas nas aldeias Samaúma e Tuiararé para armazenar as sementes e ter um pequeno escritório onde possamos guardar e continuar nossos registros sobre a roça. Nela vamos manter o nosso objetivo do projeto, mesmo que ele acabou, a preocupação e o cuidado com nossos alimentos continua.

Dificuldades

A ecologia do Parque Indígena do Xingu está bastante perturbada pela ocupação e uso do solo circunvizinho. As mudanças climáticas ocasionadas tanto na esfera global como regional, vêm transformando profundamente os calendários da natureza. Essa perturbação ecológica afeta drasticamente nos cultivos agrícolas das nossas roças.

Os Caititus e Queixadas sempre comiam as raízes que plantávamos, mas nos últimos anos, os ataques têm se intensificado demais. Chegamos a ficar sem farinha porque o caititu acabou com nossa produção na aldeia Samaúma. Há relatos em outras aldeias que variedades de Cará desapareceram pela mesma causa. Nossas roças são distantes das aldeias por serem feitas nas capoeiras de terra preta, que são espaçadas em nosso território, essa distância dificulta o controle e a vigília permanente.

Outra dificuldade na nossa roça vêm sendo a produção de milho. Nos últimos anos plantamos nosso milho, ele vai crescendo bonito e bem forte e de repente um vento tomba todos os pés. Nós já estamos quase sem comer este alimento, tão importante para nós, especialmente para as mulheres que acabaram de ganhar filho, pois é o alimento mais indicado para este momento da vida. Já vimos que na realidade não é o vento que tomba, mas um coró que entra pela terra e vai comendo o pé de milho até



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7



Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

a espiga, depois ele voa e vai embora. O milho tomba e não produz espiga vigorosa. Nós suspeitamos que esse bichinho esteja nos cultivos das fazendas de fora do TIX e possam estar entrando nos nossos cultivos.

A preocupação pelo salvaguardo das espécies e variedades tradicionais é bastante falada entre a população da Terra Indígena, mas iniciativas e envolvimento para buscar meios de cuidar delas, ainda é uma questão pouco praticada e nem sempre mobiliza tanta gente como nossas expectativas gostaríamos.